

EDITORIAL

CONTRADISCURSOS SOBRE A FAMÍLIA: DESFAZER LAÇOS*

EDITORIAL

COUNTERDISCOURSES OF FAMILY: UNDOING TIES

Na sua introdução ao volume *Queer Kinship* (2022), Tyler Bradway e Elizabeth Freeman afirmam que “o parentesco é ao mesmo tempo um cenário de violência — psicológica, imperial, neoliberal, interpessoal — e de criatividade. [...] É] um domínio sem o qual, de alguma forma, não podemos pensar, mas além do qual é absolutamente necessário pensar, agir e viver” (pp. 21-22). Nestas palavras vemos refletidas as contradições e tensões que se acumulam em torno do conceito de família. Por um lado, é uma instituição social e emocional que estrutura e legitima as nossas relações privadas e públicas a tal nível que é difícil imaginar a vida sem ela. Por outro, é também uma instituição que (re)produz e naturaliza sistemas de opressão e desigualdade como os de género, sexualidade, raça, classe e etnonacionalismo.

O nosso interesse particular por esta questão surge de uma série de preocupações e debates sobre a família nos estudos *queer* nos últimos anos. No centro destas controvérsias, perguntamos se a família pode ser ressignificada ou reestruturada para incluir outras formas de vida que não correspondem aos padrões cis-heteropatriarcais e conjugais ou se devemos procurar a sua abolição de uma vez por todas. Muitos dos direitos políticos adquiridos pelas comunidades LGBTQ+ em todo o mundo no século XXI foram conquistados precisamente no terreno da família: casamento, adoção, herança de propriedade e acesso a tecnologias reprodutivas, entre outros. Apesar das melhorias que estes direitos tiveram na vida de algumas pessoas *queer*, intelectuais como Lisa Duggan e Richard Kim, bem como Christo Casas no contexto espanhol, duvidam do valor destas supostas conquistas políticas. A razão é que veem nelas uma indicação do progresso do neoliberalismo, uma vez que com a redução da responsabilidade do Estado em proteger a habitação, a saúde, a educação e os cuidados “em cada vez mais casos, o único recurso que resta é a casa ou a rede cooperativa familiar que se apoia mutuamente” (Duggan e Kim, 2005, p. 24). A legitimação de um tipo de parentesco (o casamento monogâmico, hetero ou homonormativo e a sua família nuclear) restringe o reconhecimento de outras redes socioafetivas de cooperação e cuidado às quais todos pertencemos. Por outras palavras, se o conceito de família se expandiu para incluir casais monogâmicos *gays* e lésbicos, a verdade é que todo o tipo de relacionamento outro continuou na margem. Assim, contra este modelo reacionário de família *queer* baseado no ideal heteropatriarcal de família biológica e conjugal, outras vozes nos incitam a simplesmente “esquecer a família” (Halberstam, 2007).

Contudo, o apego afetivo e sociopolítico à família é tão significativo que, diante de qualquer instigação a aboli-la, como Marx e Engels já haviam percebido no *Manifesto Comunista* (1848), faz com que “[a]té os mais radicais se indignem” ou que o fim do capitalismo seja mais facilmente imaginável do que o fim da família, como diria Sophie

* Nota: tradução portuguesa de Eunice Ribeiro.

Lewis (2023). Todavia, propor a abolição da família não implica necessariamente desfazer todos os laços que nos unem e afastar-nos das pessoas que amamos, mas abrir-nos à possibilidade de imaginar outras formas de estarmos juntos para além da família cis-heteropatriarcal. Como bem explica Ira Terán, não se trata de um processo destrutivo, mas antes expansivo (2023). Num estudo pioneiro, a antropóloga Kate Weston (1991) lançou luz sobre as redes de parentesco que as pessoas articulam além e/ou em conexão com as suas famílias de origem. Essas famílias por escolha são diversas e flexíveis, compostas por crianças (biológicas ou não), amantes, amigos, colegas de trabalho e outras relações que extrapolam os laços biológicos ou conjugais. Estas redes representam mundos sociais alternativos ao familismo (The Care Collective, 2020), bem como economias de cuidado que ajudam as pessoas a enfrentar sistemas opressores como a homofobia, a transfobia, o racismo, a insegurança no trabalho, etc. Desde então, são muitos os trabalhos que têm refletido sobre o parentesco *queer*, questionando a família biológica e heteropatriarcal, com sua legitimidade jurídica e económica, como a única unidade social possível (Hybris, 2022), mas o debate não parece resolvido. Por um lado, refuta-se a celebração da família *queer*, uma vez que dificilmente naturaliza o conceito de família (Lewis, 2022) e reproduz o familocentrismo e, por outro lado, considera-se que a pluralização da família perpetua o sistema atual, em proveito do sistema capitalista patriarcal e heterossexual (Mogrovejo, 2014).

Os debates em torno da família e da sua utilidade ultrapassam as fronteiras dos estudos de género e sexualidade. Também nos estudos decoloniais, dependendo da perspectiva de quem fala, a família é vista como um produto do colonialismo ou mais uma vítima dele. Por exemplo, Mark Rifkin (2010) vê o casal conjugal e a família nuclear (heterossexual ou homossexual) como uma ferramenta do colonialismo que serve para deslegitimar as redes de parentesco indígenas e a sua soberania. Não obstante, há quem encontre na família — embora não na família branca, burguesa e heteropatriarcal — uma forma de resistência. Académicas como Hilda Lloréns, por exemplo, no seu estudo sobre a mãe afro-porto-riquenha (2023), seguindo as orientações de Saidiya Hartman, encontra na família e na maternidade um ato de resistência a um sistema colonial e escravista que negava a família e a maternidade negras. Em vez de entender a família como uma estrutura que condena as mulheres ao trabalho não remunerado (na linha do que fizeram outras feministas marxistas, como Silvia Federici), ela insiste que estas mulheres colonizadas, como as pessoas *queer* estudadas por Weston, geram redes de parentesco fictício e elástico que lhes permite criar outras economias e ecologias de troca e cuidado fora e contra o sistema capitalista.

Importa dizer que a família é um problema interseccional e multifacetado que não tem solução fácil. Os estudos que reunimos em *Contradiscursos sobre a Família: Desfazendo laços* oferecem distintas abordagens às imagens e discursos da “família”, sempre com o objetivo de tentar complicar e deslocar este termo ou mesmo, em alguns casos, atacá-lo. Desta forma, não se limitam nem aos estudos de género e sexualidade, nem a um contexto histórico, cultural ou geopolítico específico. Pelo contrário, os sete textos incluídos neste volume, por mais variados que sejam, estão ligados entre si através de vínculos de parentesco cultural e linguístico — por vezes mais próximos ou mais distantes — que unem e separam a produção intelectual da Galiza, de Portugal, de Espanha e da América.

Assim, abrimos a seção de artigos com a contribuição de aixta permuy e Enrique Latorre Ruíz sob o título “A familia sometida a un exercicio de enxeñería conceptual: Retorcendo o termo na busca dunha alternativa coidadosa desde unha pedagogía queer dos afectos”. O texto percorre as críticas à família, reconhecendo a necessidade de abolir a família como uma instituição errada e produtora de infelicidade. Em troca da

substituição da família por uma estrutura alternativa, estes autores propõem uma pedagogia afetiva que nos permitiria questionar as normas hegemónicas, que normalizaria a crítica às nossas instituições e que nos tornaria mais participantes e menos passivos na construção das comunidades de cuidados a que pertencemos.

Numa celebração da família *queer*, Ana Bessa Carvalho, em “Mother of the Freaks: Mothering, family, and community in Camila Sosa Villada’s *Las Malas*”, explora uma obra que retrata as lutas, perdas e resistências da comunidade travesti numa cidade de província da Argentina. Entrelaçando autoficção e realismo mágico, o romance reflete sobre a domesticidade, a pertença e o cuidado, oferecendo uma reivindicação da família e da maternidade a partir de uma realidade travesti como ato solidário, coletivo e radical.

Retornamos ao debate abolicionista no artigo de Bruno Monfort Miró, “Asaltar la oculta sede de la reproducción: críticas a la familia desde el afrofeminismo y los frentes de liberación homosexual”. Monfort Miró desnaturaliza a família através de uma análise marxista para compreender o seu papel central na reprodução do sistema de classes em diferentes momentos históricos. Após esta periodização, incorpora algumas das críticas afrofeministas e *queer* que identificam a instituição familiar como local de reprodução da supremacia branca e da cis-heteronorma. Considera o abolicionismo familiar não apenas uma teoria, mas uma prática que deve ser concretizada se quisermos dismantlar um sistema económico explorador que perpetua o racismo e o cis-heterossexismo.

Os artigos seguintes centram-se nas diferentes narrativas da família na literatura e no cinema da Galiza, Argentina e Espanha. No seu artigo “Families as ecosystems: Mapping Manuel Rivas’s family imaginary”, Isabel Castro Vázquez desenvolve uma análise ecocrítica da família em diversas obras do famoso escritor galego. Castro Vázquez afasta-se de uma conceptualização antropocêntrica de família e mostra como na obra de Rivas é possível encontrar uma representação mais ampla da família que inclui relações de parentesco não só entre pessoas, mas também com os animais, a terra e os objetos inanimados.

Mariela Sánchez estuda as representações da família em obras que tratam da migração de mulheres entre Espanha e Argentina. “Familias y desplazamientos forzados entre España y la Argentina en narrativa de mujeres sobre migración y exilio: Infancia y adolescencia en torno a prótesis de consanguíneos y filiaciones sobrevenidas” analisa um *corpus* de textos escritos por autoras que, devido à Guerra Civil Espanhola e à ditadura militar na Argentina, respetivamente, foram deslocadas para o além mar. Vemos aqui a complexa relação entre família, nação e migração.

Fechamos a seção de artigos com “The queer effect of matrilineal genealogies in Pedro Almodóvar’s *Todo sobre mi madre* (1999)” de McKenna Middleton. O seu estudo das personagens femininas do famoso filme revela a possibilidade de ir além do conceptualismo heteropatriarcal de família para propor uma articulação da família múltipla, matriarcal e *queer* baseada no cuidado e na compaixão.

Por último, concluímos com “Amores que no perpetúan la forma-propiedad”, uma entrevista de Ángela Lema París com Ira Terán, pensadora e ativista transfeminista, coordenadora da antologia *Las degeneradas trans acaban con la familia* (Kaótica Libros, 2022) e autora de *Mutantes y divinas. Elementos de crítica transgénero* (Kaótica Libros, 2023). Esta conversa aprofunda a questão da abolição da família, ao mesmo tempo que aponta novos horizontes nos estudos e nas políticas *queer* para construir um mundo menos prejudicial e livre de opressão.

Ánxela Lema París
Danny Barreto

In their introduction to the volume *Queer Kinship* (2022), Tyler Bradway and Elizabeth Freeman assert that “that kinship is at once a scene of violence—psychological, imperial, neoliberal, interpersonal—and of creativity. [... It] is a domain without which we cannot think in some ways but beyond which we absolutely must think, act, and live” (pp. 21-22). These words reflect the contradictions and tensions that accumulate around the concept of the family. On the one hand, it is a social and affective institution that structures and legitimates our private and public relations to such a degree that it is hard to imagine life without it. On the other hand, it is also an institution that (re)produces and naturalizes systems of oppression and inequality such as gender, sexuality, race, class and ethnonationalism.

Our own particular interest in these questions emerges from a series of concerns and debates about the family within queer studies in recent years. At the center of these controversies lies the question of whether the family can be resignified or restructured so as to be inclusive of other ways of living that do not correspond to cisheteronormative and conjugal frameworks or if we must seek once and for all its abolition. A large number of the political rights acquired by LGBTQ+ communities around the world in the twenty-first century were won precisely on familial terrain: marriage, adoption, inheritance of property and access to reproductive technologies, amongst others. Despite the improvements that these rights have had on the lives of some queer individuals, intellectuals such as Lisa Duggan and Richard Kim, just like Christo Casas in the Spanish context, question the value of these supposed political gains. They see in them evidence of the advance of neoliberalism, since with the reduction of the responsibility of the state to protect housing, health care, education and care, “In more and more cases, the sole remaining resource is the cooperative, mutually supporting household or kinship network” (Duggan and Kim, 2005, p. 24). The legitimation of just one type of kinship (the monogamous, hetero- or homonormative married couple and its nuclear family) foreclosed the recognition of other socio-affective networks of cooperation and care to which we all belong. In other words, while in one sense the concept of family has expanded to embrace gay and lesbian monogamous couples, in reality other(ed) types of relationships continue to be marginalized. In opposition to this reactionary model of the queer family founded upon the heteropatriarchal ideal of a biological or conjugal family, other voices urge us to simply “forget family” (Halberstam, 2007).

Nevertheless, such is the general emotional and sociopolitical attachment to the family that before any call to abolish it, as was already noted by Marx and Engels in the *Communist Manifesto* (1848), “[e]ven the most radical flare up”, or it is easier to imagine the end of capitalism than the end of the family, as Sophie Lewis (2023) claims. However, proposing the abolition of the family does not necessarily imply undoing all of the ties that bind us and distancing ourselves from those we love, but rather opening ourselves up to the possibility of imagining other ways of being together beyond the cisheteropatriarchal family. As Ira Terán explains (2023), this is not a destructive process, but rather an expansive one. In a pioneering study, anthropologist Kate Weston (1991) shed light on the kinship network that people create beyond and/or in connection with their families of origin. These families we choose are diverse and flexible, made up of children (biological or otherwise), lovers, friends, co-workers, and other relations that

exceed biological or conjugal ties. These networks represent alternative social worlds to familism (The Care Collective, 2020), as well as economies of care that help people confront oppressive systems of homophobia, transphobia, racism, job insecurity, etc. Since then, many publications have reflected on queer kinship, questioning the biological and heteropatriarchal family, with its legal and economic legitimacy, as the only social unit possible (Hybris, 2022), but the debate remains unresolved. On the one hand, scholars have refuted the celebration of the queer family, since it problematically naturalizes the concept of family (Lewis, 2022) and reproduces family centralism and, on the other hand, pluralizing the family perpetuates the current system, serving the patriarchal and heterosexist capitalist model (Mogrovejo, 2014).

Debates around the family and its utility exceed the limits of feminist and queer studies. We also see in decolonial studies that, depending on the perspective of the speaker, the family is seen as a product of colonialism or yet another victim of it. For example, Mark Rifkin (2010) sees in the conjugal couple and the nuclear family (whether hetero or homosexual) a tool of colonialism that serves to delegitimize Indigenous kinship networks and sovereignty. However, there are others who see the family—albeit not the white, bourgeois, heteropatriarchal one—as a form of resistance. For academics like Hilda Lloréns, for example, who in her study of the Afro-Puerto Rican mother (2023), following Saidiya Hartman’s line of thought, sees in the family and maternity a site of resistance to a system of colonial and slavery that denied the black family and motherhood. Instead of seeing the family as a structure that condemns women to unpaid labor (an argument made by Marxist feminists, such as Silvia Federici), she insists that these women, as those queer folks studied by Weston, create fictitious and elastic kinship networks that enable them to create alternative economies and ecologies for trade and care outside of the capitalist system.

It should be said that the family is an intersectional and multifaceted problem that cannot easily be solved. The pieces collected in *Counterdiscourses of Family: Undoing ties* offer different approaches to images and discourses of the “family”, always with the aim of trying to complicate this term, and in some cases, of even trying to undermine it. As such, these are not confined to gender and sexuality studies, nor to any specific historical, cultural or geopolitical context. Nevertheless, the seven texts that comprise this volume, as distinct as they are, are connected to one another by those cultural and linguistic ties—however near or distant—that unite and separate the intellectual production of Galicia, Portugal, Spain and the Americas.

We open the section of articles with a contribution from aixa permuy and Enrique Latorre Ruíz, entitled “A familia sometida a un exercicio de enxeñería conceptual: retorcendo o termo na busca dunha alternativa coidadosa desde unha pedagogía queer dos afectos”. The text offers an overview of critiques of the family, recognizing the need to abolish the family as a failed institution that produces unhappiness. Instead of substituting the family with an alternative structure, the authors propose an affective pedagogy that would allow us to question hegemonic norms, that would normalize critique of our institutions, and that would make us more participatory and less passive in the construction of the communities of care to which we belong.

In a celebration of the queer family, Ana Bessa Carvalho, in “Mother of the Freaks: Mothering, family, and community in Camila Sosa Villada’s *Las Malas*”, explores a novel that recounts the struggles, losses and resistance of the *travesti* community of a provincial city in Argentina. Interweaving autobiographical fiction and magical realism, the novel provides a reflection on domesticity, belonging and care, offering a defense of the family and motherhood as they are experienced within a *travesti* context, as an act of collective and radical solidarity.

We return to the abolitionist debate in Bruno Monfort Miró's "Asaltar la oculta sede de la reproducción: críticas a la familia desde el afrofeminismo y los frentes de liberación homosexual". Monfort Miró denaturalizes the family through a Marxist analysis in order to understand its central role in the reproduction of the class system in different historical moments. After establishing this timeline, he incorporates some of the Afrofeminist and queer critiques that identify the family as the site at which white supremacy and cisheteronormativity are reproduced. He proposes the abolition of the family, not only as a theory, but as a practice we must execute if we want to dismantle an exploitative economic system that perpetuates racism and heterosexism.

The subsequent articles focus on different narratives of the family in literature and film from Galicia, Argentina and Spain. In her article "Families as Ecosystems: Mapping Manuel Rivas's Family Imaginary", Isabel Castro Vázquez offers an analysis of the family in several works by the celebrated Galician author. Castro Vázquez distances herself from an anthropocentric conceptualization of the family. Instead, she finds in the works of Rivas a broader representation of family that includes the familial relations that exist not only between people, but also between them and animals, the land and inanimate objects.

Mariela Sánchez studies the representations of the family in works dealing with the migration of women between Spain and Argentina. "Familias y desplazamientos forzados entre España y la Argentina en narrativa de mujeres sobre migración y exilio: infancia y adolescencia en torno a prótesis de consanguíneos y filiaciones sobrevenidas" analyzes a corpus of texts by women authors who, because of the Spanish Civil War and the military dictatorship in Argentina, respectively, were displaced overseas. We see here the complex relation between family, nation and migration.

We close the series of articles with "The queer effect of matrilineal genealogies in Pedro Almodóvar's *Todo sobre mi madre* (1999)" by McKenna Middleton. This study of the feminine characters in the famed film reveals the possibility of moving beyond a heteropatriarchal conception of the family to focus on the articulation of a family that is plural, matriarchal and queer based on care and compassion.

Lastly, we conclude with "Amores que no perpetúan la forma-propiedad", an interview by Ánxela Lema París with Ira Terán, a transfeminist thinker and militant, coordinator of the anthology *Las dexeneradas trans acaban con la familia* (Kaótica Libros, 2022), and author of *Mutantes y divinas. Elementos de crítica transgénero* (Kaótica Libros, 2023). This conversation provides an in-depth look at the theme of the abolition of the family, at the same time as it signals towards new horizons in queer studies and politics for a world-making project that is less hurtful and free of oppression.

Ánxela Lema París
Danny Barreto